

Histórias para adormecer

Cinco histórias curtas e originais, em português de Portugal, para ler na cama em cerca de três minutos cada.

1. A nuvem que queria dormir
2. O ouriço e o cobertor de folhas
3. A Lua e o comboio da noite
4. O farol que dizia boa-noite
5. O barquinho de papel

A nuvem que queria dormir

Era uma vez uma nuvem pequenina chamada Algodão. Passou o dia inteiro a passear pelo céu: fez sombra a um rebanho de ovelhas, deu água a um campo de girassóis e brincou às formas com as gaivotas — ora era um coelho, ora era um barco.

Quando o sol começou a descer, o céu ficou cor de laranja e depois cor-de-rosa. Algodão bocejou.

— Onde é que uma nuvem dorme? — perguntou ao vento.

— Onde quiseres — respondeu o vento, a soprar devagarinho. — Escolhe um lugar calmo.

Algodão procurou. A montanha era fria demais. O mar mexia-se demais. Até que viu, lá em baixo, uma casa com uma janela acesa e uma criança a vestir o pijama.

A nuvem pousou mesmo por cima do telhado, fofa e quieta, como um cobertor. A luz da janela apagou-se. A criança fechou os olhos. E Algodão, lá em cima, fechou os seus.

Boa noite, nuvem. Boa noite, casa. Boa noite a ti.

O ouriço e o cobertor de folhas

No fundo do jardim vivia um ouriço chamado Pico. No outono, as noites começaram a ficar frescas, e Pico sabia que estava na hora de preparar a cama.

Juntou uma folha amarela do plátano. Depois uma folha vermelha da cerejeira. Depois uma folha castanha, grande como um guarda-chuva.

— Três folhas não chegam para um cobertor — disse a minhoca, a espreitar da terra.

Por isso Pico continuou: uma folha, duas folhas, dez folhas... até ter um monte macio e estaladiço debaixo do arbusto.

Enroscou-se lá dentro, redondinho como uma bola. Lá fora, o vento abanava os ramos — chuá, chuá — mas debaixo das folhas estava quentinho.

— Boa noite, Pico — disse a minhoca.

— Boa noite — murmurou o ouriço. E adormeceu a ouvir o jardim a adormecer também.

A Lua e o comboio da noite

Todas as noites, às nove horas, passava um comboio azul pela aldeia da Beatriz. Pouca-terra, pouca-terra. A Beatriz via-o da janela do quarto, com as luzes das carruagens a piscar como pirilampos.

— Para onde vai o comboio? — perguntou ela à mãe.

— Vai levar os sonhos às pessoas que já estão a dormir — disse a mãe, a aconchegar-lhe a manta.

A Beatriz imaginou: uma carruagem cheia de sonhos de praia, outra de sonhos de bolo de chocolate, outra de sonhos de voar por cima das nuvens. Lá no alto, a Lua acompanhava o comboio, redonda e paciente, a iluminar os carris.

— E o meu sonho? — perguntou a Beatriz.

— O teu vem na última carruagem — sorriu a mãe. — Mas só para na estação de quem fecha os olhos.

A Beatriz fechou os olhos. Pouca-terra, pouca-terra... e o comboio parou mesmo à porta dos seus sonhos.

O farol que dizia boa-noite

Numa ponta de terra, à beira do mar, havia um farol alto e branco com uma risca vermelha. Durante o dia, dormia. Mas quando escurecia, acordava e acendia a sua luz grande e amarela.

A luz dava a volta, devagar: iluminava as ondas, depois as rochas, depois os barcos dos pescadores a voltar para o porto. E a cada volta, o farol dizia boa-noite.

— Boa noite, gaivotas. — E as gaivotas escondiam a cabeça debaixo da asa.

— Boa noite, barquinhos. — E os barcos ficavam presos ao cais, a baloiçar.

— Boa noite, peixinhos. — E os peixes desciam para o fundo, onde a água está sempre calma.

Na casa ao lado do farol, o Duarte já estava na cama. A luz passou pela janela dele, uma vez, duas vezes.

— Boa noite, Duarte — disse o farol, baixinho.

E o Duarte, meio a dormir, respondeu: — Boa noite, farol. Obrigado por ficares acordado por nós.

O barquinho de papel

Ao fim da tarde, a Inês e o avô fizeram um barquinho de papel e foram pô-lo a navegar no lago do jardim. O barquinho deslizou, deslizou... e ficou preso no meio dos nenúfares.

— Vou buscá-lo! — disse a Inês.

— Espera — disse o avô. — O lago é fundo. Vamos buscá-lo daqui da margem.

Encontraram um pau comprido. A Inês segurou numa ponta, o avô segurou na mão dela, e juntos afastaram os nenúfares com cuidado, devagarinho... até o barquinho vir ter com eles, um pouco molhado mas inteiro.

— Conseguimos! — riu-se a Inês.

Em casa, puseram o barquinho a secar no parapeito da janela, ao lado de um vaso de flores. Lá fora, o céu escurecia.

Nessa noite, a Inês sonhou com um lago cheio de barquinhos de papel, e em todos ia um avô e uma neta, a acenar da margem.